

Memória de Sefarad em Jorge Luis Borges

Sefarad's Memory in Jorge Luis Borges

Lyslei Nascimento*

Resumo: Este artigo analisa "Eu judeu", de Jorge Luis Borges. Esse pequeno texto traz para o contexto político e social da Argentina dos anos 30, um dos mais importantes testemunhos de Borges sobre sua admiração pela tradição judaica e por Israel. O episódio que deu origem ao texto "Eu, Judeu" deu-se em 1934. Num artigo datado de 30 de janeiro, eivado de antissemitismo, Borges é acusado pela revista argentina *Crisol*, de ter em sua árvore genealógica "sangue judeu". Em resposta a essa "acusação", o escritor constrói uma rede de referências e citações, traço recorrente em sua obra, em que avôs e bisavôs, portugueses e espanhóis, são identificados como judeus sefarditas.

Palavras-chave: Antissemitismo. Sefarad. Jorge Luis Borges.

Resumen: Este artículo analiza "Yo, judío", de Jorge Luis Borges. Un pequeño texto que trajo al contexto político y social de Argentina de la década de 1930, uno de los testimonios más importantes de Borges sobre su admiración por la tradición judía y por Israel. El episodio que dió lugar al texto "Yo, judío", fué un artículo en la revista *Crisol*, de fecha 30 de enero de 1934, plagado de antissemitismo, en el que Borges es acusado de tener en su árbol genealógico "Sangre judía". En respuesta a esta "acusación", el escritor crea una red de referencias y citas, rasgo recorrente en su obra, en el que se identifican abuelos y bisabuelos, portugueses y españoles, judíos sefardíes.

Palabras claves: Antissemitismo. Sefarad. Jorge Luis Borges.

Baruch Spinoza
Bruma de ouro, o ocidente alumbra
A janela. O assíduo manuscrito
Aguarda, já repleto de infinito.
Alguém fabrica Deus entre a penumbra.
Um homem engendra Deus. É um judeu
De tristes olhos e pele citrina;
O tempo o leva como o rio perdeu
Uma folha na água que declina.
Não importa. O feiticeiro insiste e lavra
Deus com geometria delicada;
De sua enfermidade, de seu nada,
Segue erigindo Deus com a palavra.
O mais pródigo amor lhe foi outorgado,
O amor que não espera ser amado.

Jorge Luis Borges

O encontro de tradições e o interesse pela tradição judaica na obra do escritor argentino Jorge Luis Borges apontam para as múltiplas tradições que o atravessaram tanto na América quanto na Europa, desde os anos de sua formação até a maturidade. Para Borges, a apropriação da história e da memória alheia é uma estratégia que lhe permite construir e inventar, ficcionalmente, sua identidade pessoal. Sua literatura, assim, é constituída por citações, notas biográficas, encontros literários e afinidades eletivas.

No livro *El tejedor del Aleph*, Edna Aizenberg afirma que Borges – ao nascer em uma cidade com vocação para o cosmopolitismo e para as letras, como a Buenos Aires dos noventa e poucos anos, – sendo neto de ingleses e argentinos, possui uma condição privilegiada para um pensamento aberto e plural.¹ O legado britânico, o lado paterno da família de Borges foi formada por protestantes, livres pensadores e metafísicos. Já o legado hispano-materno exalta um passado militar que valoriza a ortodoxia e não o intelecto. Dessas duas linhagens, Borges subtrai, fragmentariamente, traços que se apresentam a partir de contradições e ambiguidades entretidas à construção ficcional. Cada uma dessas duas linhagens acaba por conformar o que o escritor Ricardo Piglia chamou de "fábula biográfica", ou seja, uma genealogia ficcional construída a partir de textos e imagens que ele trama a partir de inúmeras leituras e vivências.²

Sua escritura arma-se, portanto, sobre o movimento de reconhecer-se numa linhagem dupla, ambivalente. A primeira, familiar, a partir dos fundadores míticos da Argentina, os heróis militares: Cabrera, Soler, Suárez. A segunda, os antepassados literários, que ele organiza no que poderia ser chamado de linhagem ou família literária: Poe, Stevenson, Wells, Chesterton, e, também, Spinoza e a Bíblia.

A familiaridade com os temas judaicos em Borges amplia-se, certamente, de 1880 a 1890, com a chegada dos imigrantes europeus que aportaram na Argentina, trazendo um contraponto à cidade de Buenos Aires e à vida do escritor. Muitos deles, fugindo de perseguições e em busca de uma vida melhor na América, conformaram o encontro de povos e culturas, um perfil identitário argentino que parece ter sido concebido entre dois seguimentos. De um lado, no círculo do poder, estavam os ricos que se refugiavam na exclusividade do jôquei-club. Do outro, a Argentina do não-poder, os não tão ricos e os pobres, os estrangeiros, os trabalhadores, os anarquistas e os intelectuais, cujas ações e escritos não ostentavam a permissão dos círculos oficiais. Para Guillermo Borges, pai do escritor, fora da esfera do poder, todos esses representantes do não poder seriam identificados como judeus, em oposição aos católicos privilegiados.³

Quando a família muda-se para Genebra, em 1914, em busca de um tratamento para a cegueira hereditária do pai, Borges torna-se amigo do escritor e poeta de origem polonesa, Maurice Abramowicz, para quem, anos depois, dedica poemas, além de recriá-lo como personagem em vários contos.⁴

Obrigados a se exilarem na Europa porque eclode a I Grande Guerra, os Borges só retornam a Buenos Aires em 1921. Daí em diante, desde a publicação do primeiro livro, *Fervor de Buenos Aires*, em 1923, até sua morte, em 1986, os encontros de Borges com a tradição judaica tornam-se cada vez mais frequentes. A cada encontro, um vestígio da tradição judaica, uma dedicatória, uma referência, é entretido à sua obra.

No ensaio "O escritor argentino e a tradição", Borges ressalta a possibilidade de um ponto de vista privilegiado do escritor argentino, e por extensão, sul-americano, em relação ao manejo de outras tradições:

Creio [afirma Borges] que os argentinos, os sul-americanos em geral, estamos numa situação análoga; podemos lançar mão de todos os temas europeus, utilizá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas.⁵

A situação semelhante a que Borges se refere é a dos judeus e a dos irlandeses. Ao refletir sobre a tradição literária argentina, o escritor ilustra seu pensamento a partir da dispersão desses dois povos na cultura ocidental. Aos judeus, afirma, sempre será mais fácil que a um ocidental não judeu inovar a

cultura ocidental, porque eles, segundo Borges, podem atuar dentro de uma determinada cultura, ao mesmo tempo, que não necessitam estar, obrigatoriamente, atados a ela por uma devoção especial.

Num continente povoado por correntes de imigração, a tradição judaica sefardita, especificamente, se constitui como um dos importantes acervos culturais americanos. Temas e imagens de expressão judaica no Novo Mundo confluem – de Nova Iorque a Patagônia – com a tradição ibérica predominantemente cristã herdada ou imposta aos povos americanos. A partir desse contexto, observa-se que a tradição judaica se mescla aos textos e às obras de artistas e escritores, judeus e não judeus em toda a América, possibilitando a inscrição de uma memória judaica, bíblica, na literatura contemporânea. Reconfigurando, dessa forma, uma prática e uma poética multicultural que, em Borges, é celebrada e desejável.

Os poemas "Da diversa Andaluzia", o belíssimo "Uma chave na Salônica", "Espanha", "Spinoza" e "Baruch Spinoza", demonstram que a cultura judaica sefardita, mais especificamente, se inscreve na obra de Borges, de forma contundente, na poesia. Além dessas citações explícitas, é possível vislumbrar, em sua obra, uma poética e uma dicção que se inscrevem na tradição judaica dos comentários e das interpretações rabínicas nas múltiplas referências aos copistas, aos bibliotecários e aos estudiosos rabinos.⁶

O pequeno texto no qual vou me deter aqui, "Eu, Judeu", traz para o contexto político e social da Argentina dos anos 30, um dos mais importantes testemunhos de Borges sobre sua admiração pela tradição judaica e por Israel.⁷ Como todos sabem, em plena Guerra dos Seis Dias, Borges faz publicar dois poemas contundentes: "Israel", "Israel, 1969" e "A Israel". Sua coragem, neste episódio, custou-lhe caro.

O episódio que deu origem ao texto "Eu, Judeu" deu-se em 1934. Num artigo datado de 30 de janeiro, eivado de antissemitismo, Borges é acusado pela revista argentina *Crisol*, de ter em sua árvore genealógica "sangue judeu". Em resposta a essa "acusação", o escritor constrói uma rede de referências e citações, traço recorrente em sua obra, em que avôs e bisavôs, portugueses e espanhóis, são identificados como judeus sefarditas:

Como os drusos, como a lua, como a morte, como a semana que vem, o passado remoto é de uma daquelas coisas que podem enriquecer a ignorância. É infinitamente plástico e agradável, muito mais conveniente que o porvir e muito menos exigente de esforços. É a estação famosa e predileta das mitologias. Quem não julgou aos antepassados alguma vez, às pré-histórias de sua carne e de seu sangue? Eu o faço muitas vezes, e muitas não me desgosta pensar-me judeu. Trata-se de uma hipótese preguiçosa, de uma aventura sedentária e frugal que a ninguém prejudica, nem sequer à fama de Israel, já que meu judaísmo é sem palavras, como as canções de Mendelssohn. *Crisol*, em 30 de janeiro de 1934, quis afagar essa retrospectiva esperança e fala de minha "ascendência judaica maliciosamente ocultada" (o participio e o advérbio me maravilham). Borges Acevedo é meu nome. Ramos Mejia, em certa nota do capítulo quinto de *Rosas e seu tempo*, enumera os sobrenomes portenhos daquela data para demonstrar que todos, ou quase todos, "procediam de cepa hebraico-portuguesa". Acevedo figura nesse catálogo: único documento de minhas pretensões judaicas, até a confirmação de *Crisol*.⁸

Evidencia-se, nessa verdadeira peça literária, que a especulação em busca de ascendências nobres ou não, sobre passados longínquos e intermináveis é, como ele afirma, "uma daquelas coisas que podem

enriquecer a ignorância", logo, não possuem, para o escritor, nenhum valor, pois é caracterizada como sendo a "estação famosa e predileta das mitologias", portanto, sujeita a construções ficcionais. Borges evidencia, dessa forma, um jogo entre simular e dissimular, exhibir e ocultar memórias e desmemórias, de acordo com a conveniência, os jogos de poder. Para o escritor, essas especulações fazem parte de uma pré-história ficcional, uma estratégia narrativa entre a biográfica e a autobiográfica, que não deveria prejudicar a ninguém.

No entanto, ao fazer a referência explícita à revista *Crisol*, ao assumir o sobrenome Borges Acevedo e ao citar o capítulo cinco do livro de Ramos Mejía – "único documento de minhas pretensões judaicas" – Borges opõem-se francamente a prática antissemita da revista, revela a seriedade das acusações e empenha-se na necessária resposta. Não uma resposta emotiva ou voluntariosa, mas uma resposta imperativa que, ao mesmo tempo em que esquadrinha o texto e revela as fontes da revista, o livro de Ramos Mejía, aponta para uma importante chave de leitura de sua obra no que se refere à ironia e à política. Ao assumir uma ancestralidade judaica sefardita, Borges abre parcialmente, ilusoriamente, ou, como queria Piglia, fabulosamente, sua estratégia de construção textual.

Ao efetuar o rastreamento dos Acevedos na história da Argentina, Borges alude a o que poderia ser visto como as raízes de sua imaginária árvore genealógica. O escritor, no entanto, não termina aí e continua

Nossos inquisidores buscam hebreus, nunca fenícios, garamantas, escitas, babilônicos, persas, egípcios, hunos, vândalos, ostrogodos, etíopes, dardânios, paflagônios, sármatas, medos, otomanos, beréberes, britânicos, líbios, cíclopes e lápitas.⁹

No deslumbramento dessa lista fabulosa, tal qual a lista de "O idioma analítico de John Wilkins", o que de súbito atingimos, afirma Michel Foucault, o que graças ao apólogo nos é indicado como o encanto exótico de outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar tal lista.¹⁰ Daí que fenícios, babilônios, etíopes, britânicos e otomanos podem, a revelia de sua lógica classificatória, vir numa mesma lista com ciclopes e centauros. Emir Rodrigues Monegal, afirma que ao responder à revista por meio dessa escrita irônica e impossível, Borges escreveu um capítulo à parte em sua obra, uma peça satírica que começa por arrolar supostos antepassados em uma lista de tribos extintas incluindo até os mitológicos centauros. Essa ironia, continua Monegal, coloca-nos diante da seguinte interrogação:

Se ser judeu significa ter tido algum antepassado judeu, por mais remoto que este seja, então, quem pode estar seguro na Espanha ou Portugal de não ter pelo menos um trisavô dessa origem?¹¹

A partir desse ponto de vista, de acordo com Monegal, ser (ou não ser) judeu carece de todo sentido. Ao levar o argumento até o absurdo, Borges denuncia, sarcasticamente, a estupidez de seus adversários e agradece:

Agradeço o estímulo de *Crisol*, mas está enfraquecendo minha esperança de me fazer um com a Mesa de Pães e com o Mar de Bronze, com Heine, Gleizer e as dez Sefirot; com o *Eclesiastes* e com Chaplin.¹²

Esse agradecimento de Borges à *Crisol*, de forma caustica, elabora outra lista que exhibe escritores, a cabala, a tradição bíblica e Chaplin. Inusitada, tal qual a lista de seus antepassados, esta revela não só a tradição religiosa, mas a soberba tradição humorística judaica, por meio de Chaplin, outro artista, muitas vezes, "acusado" de ser judeu. Incluir-se nessa tradição, então, para Borges, é um culto aos

antepassados, não necessariamente de sangue ou de religião – embora essa hipótese não esteja afastada – mas, sobretudo, a uma família literária ou artística, fabulosa, mítica e autobiográfica, ancorada na tolerância, na autorreflexão e na auto-ironia, como convém a uma cultura que não se quer totalitária. Assim termina Borges, a sua magnífica resposta, como um convite à leitura, um desafio aos desmandos e uma celebração à vida:

As noites de Alexandria, de Babilônia, de Cartago, de Menfis, nunca
puderam engendrar um avô, somente às tribos do betumoso Mar Morto foi
concedido esse dom.¹³

* **Lyslei Nascimento** é professora de Literatura na UFMG, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Notas

- ¹ AIZENBERG, Edna. *El tejedor del Aleph*: bíblia, cabala y judaísmo en Borges. Madrid: Altalena, 1986.
- ² PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC. 1990. p. 60-66.
- ³ AIZENBERG, Edna. Por que se interesa Borges por el judaísmo. *Sefárdica*. n. 6. Buenos Aires: CIDICSEF, 1999. p. 40.
- ⁴ ODED, Sverdlik. Borges habla de Israel y los judíos. *Nuevo mundo israelita*. n. 190, p. 3. mar. 1977.
- ⁵ BORGES, Jorge Luis. O escritor argentino e a tradição. Trad. Josely Vianna Baptista. In: *Obras completas I*. São Paulo: Globo, 1998. p. 288-296.
- ⁶ NASCIMENTO, Lyslei. *Borges e outros rabinos*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- ⁷ BORGES, Jorge Luis. *Jorge Luis Borges: um ensaio autobiográfico*. Trad. Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. São Paulo: Globo, 2001.
- ⁸ BORGES, Jorge Luis. Yo, Judío. *Sefárdica*. n. 6. Buenos Aires: CIDICSEF, 1999. p. 25.
- ⁹ BORGES, 1999, p. 25.
- ¹⁰ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. IX-XXII.
- ¹¹ MONEGAL, Emir Rodriguez. Nota al artículo "Yo, Judío". *Sefárdica*. n. 6. Buenos Aires: CIDICSEF, 1999. p. 26.
- ¹² BORGES, 1999, p. 25.
- ¹² BORGES, 1999, p. 25.

Referências

- AIZENBERG, Edna. *El tejedor del Aleph*: bíblia, cabala y judaísmo en Borges. Madrid: Altalena, 1986.
- AIZENBERG, Edna. Por que se interesa Borges por el judaísmo. *Sefárdica*. n.6. Buenos Aires: CIDICSEF, 1999. p. 40.
- BORGES, Jorge Luis. *Jorge Luis Borges: um ensaio autobiográfico*. Trad. Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. São Paulo: Globo, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas I*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. Yo, Judío. *Megáfono*, 3. n. 12, Buenos Aires, abril de 1934.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIBERMAN, Alberto. *Jorge Luis Borges: un judío blanco*. América Hispanica: Homenagem a J. L. Borges. Faculdade de Letras/UFRJ, 1992.

- MONEGAL, Emir Rodriguez. *Jorge Luis Borges ficcionario: una antologia de sus textos*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1981.
- ODED, Sverdlik. Borges habla de Israel y los judíos. *Nuevo mundo israelita*. n. 190, p. 3, mar. 1977.
- PARAIZO, Mariângela. *Um inventário do universo: leitura de Jorge Luis Borges*. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2003.
- PIGLIA, Ricardo. Ideología y ficción en Borges. *Punto de Vista*. Buenos Aires, n.5, 1980. p. 87-95.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC. 1990. p. 60-66.
- SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Autêntica/Contra Capa Livraria, 1999.